

A crítica da religião na obra do jovem Karl Marx

Wellington de Lucena Moura¹

O objetivo deste trabalho é comparar e estabelecer as diferenças entre os conceitos de religião e filosofia presentes nas obras da juventude de Marx (1839-1844), notadamente em sua Tese de Doutorado intitulada *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*. Entendemos que para dar conta da justificação destes seus conceitos, Marx formulou uma **dupla crítica**: uma dirigida à *mentalidade teologizante* dos velhos *hegelianos* e assemelhados, e outra dirigida ao materialismo dos jovens *hegelianos*, pela crítica insuficiente da religião.

A filosofia do jovem Marx considera aquilo que há de permanente: a transitoriedade, a fugacidade. Isto se revela e se concretiza na atividade humana que é atividade social. Na filosofia hegeliana, o ser e o nada são o mesmo porque um se transforma no outro e se sintetizam no devir. Devir, vir-a-ser. Para Marx é ação, atividade social humana, fundamento único e permanente. Na verdade, tudo está, exceto a mudança. O deus que tudo sustenta é a sociedade - é a humanidade que permanentemente recria tudo. Tudo o que percebemos é socialmente elaborado no sentido indicado por Marx na Tese III sobre Feuerbach². Marx fez a seguinte inferência: ser-nada-devir, vir-a-ser permanente, atividade autoconsciente, produção social. O pressuposto que não é apenas o “eu” empírico e fugaz de Descartes, não é somente a natureza objetivada de

1 Mestrando em Filosofia na Universidade Federal da Paraíba.

2 K. Marx, *Teses sobre Feuerbach*. In: J. A. Gianotti. *Marx: vida & obra*. Tradução de Luciano Codato, São Paulo, L&PM, 2000, p. 109.

Feuerbach, não é o espírito subjetivo de Hegel, mas é a atividade livre, a *práxis* revolucionária humana.

Na Tese de Doutorado, Marx identifica três diferenças entre as físicas de Demócrito e Epicuro. Diferença na teoria do conhecimento: Demócrito é cético e Epicuro dogmático. Conhecemos apenas o fenômeno, que é aparência para Demócrito e critério de verdade para Epicuro. Diferença na prática científica: Demócrito procura conhecer pela observação empírica, busca o saber positivo, viaja por meio mundo em busca de experiências e conhecimentos com grandes mestres, pois não encontra satisfação na filosofia – a verdadeira ciência. Epicuro encontra na filosofia a satisfação e despreza as ciências positivas enquanto não servem à *ataraxia*. E não sai de seu jardim jactando-se de ser autodidata. Diferença na relação entre *pensamento e ser*. A *necessidade* é a categoria forte para Demócrito que desdenha do *acaso*. Enquanto para Epicuro, a *necessidade* não existe e sim o *acaso*. Em decorrência desta diferença, frente aos fenômenos físicos Demócrito explica tudo pelo *determinismo* (etiologia³) e Epicuro pela *possibilidade* - múltiplas causas cuja condição é que satisfaçam ao sujeito que explica e não contrariem a *percepção sensível*.

Na teoria dos meteoros⁴, para Marx, surge a alma da filosofia epicurista da natureza: a autonomia da consciência de si como singularidade abstrata. Esta autonomia que vincula a filosofia com o bem viver coincide com a preocupação de Marx de “como tornar a filosofia uma práxis?”. Esta autonomia da racionalidade que está no mundo e na consciência torna Epicuro o iluminista grego que “ousou defrontar a religião que ameaçava dos céus os mortais e deitou por terra a superstição⁵”, conforme o elogio de Lucrécio.

Epicuro discordou da teoria do céu eterno porque viu nela o maior problema da alma humana pela perturbação que causa admitir a existência de um mundo eterno e, simultaneamente, um outro mundo submetido à mudança. Seria admitir a existência de duas físicas – como fez Aristóteles – uma tratando do eterno (o céu acima da Lua) e outra do temporal (o mundo sublunar). Epicuro admite que no céu vemos fenômenos perturbadores, mas, também neste caso devemos nos ater à percepção sensível e

3 Estabelecimento da conexão necessária entre causa e efeito.

4 “... corpos celestes e os processos que lhes dizem respeito”. In: K. Marx, *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Editorial Presença, 1972, p. 203.

5 Lucrécio, apud, Idem, p. 215.

admitir múltiplas explicações, pois, observa, o comportamento dos astros é muito variado e assim é impossível admitir uma explicação única (eterna e divina). Epicuro se opõe aos astrólogos e aos estóicos por avançarem uma explicação única que impede a *ataraxia*. E, para ele, isto invalida a explicação.

Demócrito também admitia que os corpos celestes são composições de átomos, e como tais, não podem ser eternos. Epicuro raciocina que se os corpos celestes são eternos e são pesados, mas têm os seus centros de gravidade em si mesmos, deslocam-se no vazio e o seu movimento afasta-se da linha reta formando um sistema de atração e repulsão no qual conservam a sua autonomia e, finalmente, determinam o tempo com o seu aparecimento, então, os corpos celestes são “os próprios átomos tornados efetivamente reais”⁶. Eles são a comprovação material do atomismo. A contradição entre essência e existência que permeia todo o epicurismo é reconciliada.

Assim, na Tese de Doutorado, Marx faz uma **primeira crítica** ao materialismo determinista e contemplativo, o qual é incapaz de enfrentar a explicação mitológica do mundo. Inicia também a fundamentação de um materialismo ativo, de uma filosofia autônoma e vinculada à vida partindo do epicurismo que “deitou por terra a superstição”.

Marx buscou fundamentar o seu materialismo na tradição filosófica, mas para contrapor-se ao determinismo de Demócrito, escolheu a filosofia de Epicuro cuja categoria principal é o *acaso* e cujo critério de verdade é a *sensação*. Assim fez sua defesa epicurista da liberdade, desde a Física até a Ética. Epicuro teve seu ponto alto nos *meteoros*, quando recusou a divisão da Física, contra toda a especulação grega, em nome da *ataraxia* – e, séculos depois, comprovou-se que estava correto. Preconizando uma física única, a sua filosofia não necessitou de uma metafísica para manter a coerência como ocorreu com os estóicos. Estes fizeram o mesmo caminho de Epicuro, recusando o *destino*, mas o substituíram por um deus, idéia que, futuramente, influenciaria o cristianismo.

O iluminista grego preocupou-se com a “ausência de perturbação na alma”, vinculando assim filosofia e vida. E este foi outro conceito que o vinculou a Marx. Em nome da *ataraxia* Epicuro também recusou, coerentemente, a religião – por induzir o medo dos deuses e estimular o medo da morte como forma de controle social.

Os corpos celestes estão na própria origem dos mitos dos deuses. Anexa à sua Tese, Marx formula uma **outra crítica** direcionada contra a *mentalidade teologizante*

6 Marx, *Diferença da Filosofia...*, op. cit., p. 211.

de alguns filósofos, que procura dar uma aparência de racionalidade ao irracionalismo religioso e usa filosofia como serva para este propósito. É característico deste *teologismo racional* levar “a filosofia ao tribunal da religião a fim de a julgar”⁷, como fez Plutarco na polêmica contra a teologia de Epicuro, ou rejeitar a religião para melhor justificá-la, como fizeram Hegel e os velhos hegelianos. Esta crítica marxiana à religião parte um texto no qual Plutarco ataca a teologia de Epicuro.

Marx examina, por exemplo, as provas da existência de Deus - o ser transcendente, fazendo a crítica a Hegel por ter invertido as provas teológicas, “rejeitando-as a fim de as justificar”⁸. Hegel, afirma: o fortuito não existe, logo, Deus - o Absoluto - existe; enquanto a teologia afirma o inverso: que Deus existe porque o mundo é fortuito. E assim, segundo Marx, é lógico afirmar o contrário. As provas da existência divina seriam *tautologias ocultas*. A famosa *prova ontológica*⁹ também pode ser invertida e provar a inexistência de Deus. Para Marx, se um dado país não crê num deus de outro, tal deus representado não existe neste país. Este país, diz Marx, é o país da razão, no qual inexistem todos os deuses. E ainda, contra a *prova ontológica*, argumenta Marx que se perguntamos qual o ser que existe imediatamente pelo fato de ser pensado, a resposta não é Deus, mas a *consciência de si*. As provas da existência tornam-se assim refutações do que desejam provar. A verdadeira prova, para Marx, seria afirmar “Porque o pensamento não existe, Deus existe”¹⁰. E afirmar isto equivaleria a considerar o mundo irracional. Mas quem o afirmasse seria ele próprio irracional, pois parte do mundo irracional, logo, seria irracional a existência de Deus.

Os exemplos de Marx visam mostrar que o *teologismo racional* raciocina assim: partindo do absurdo - pontos de vista contraditórios do *senso comum*, tenta justificar racionalmente o irracional e que, se tal crítica for racionalmente examinada, muitas vezes, confirmará o que deseja contestar.

A crítica marxiana ao irracionalismo religioso insere-se no contexto da antinomia entre racional e irracional, trabalhado pelos *juvens hegelianos*, os quais viam uma contradição na filosofia de Hegel entre a defesa da liberdade e da razão, cuja realização suprema é o Estado, e a defesa feita por Hegel do Estado prussiano existente, uma

7 Idem, p. 143.

8 Idem, p. 218.

9 *Prova ontológica* consiste em afirmar a existência de Deus a partir da representação de Deus, pois não haveria outro modo de explicar a origem de tal representação na consciência humana.

10 Marx, *Diferença...* op.cit., p. 220.

monarquia teológica, no caso, cristã. Ora, raciocinavam, se o Estado é a razão encarnada e a religião é o irracionalismo, a aceitação do absurdo, o salto no escuro segurando na mão de Deus, Hegel se contradiz ao defender um Estado cristão. Daí o ataque destes jovens filósofos à religião do seu tempo procurando explicitar a sua irracionalidade e a sua incompatibilidade com o saber racional, ou seja, filosófico e científico.

Alguns analistas observam, com frequência, que a crítica marxiana à religião do seu tempo é válida para aquele tempo e lugar, mas que a religião mudou e a crítica de Marx estaria superada. Ou então, quando se alegam motivos religiosos para atrocidades ou guerras, surge em geral uma explicação “econômica” para o fato, usando o primado ontológico do ser social frente à consciência social formulado por Marx, para ocultar a responsabilidade social da religião. Esquece-se da relação entre teoria e prática estabelecida pelo próprio Marx: “Mas a própria teoria torna-se, da mesma forma uma força material quando se apodera das massas”¹¹. Os exemplos da força, tanto filosófica como material, do irracionalismo místico ou religioso, tanto sob a forma fundamentalista, como sob a forma tradicional, comprovam as possibilidades desta teoria.

Marx procurou justificar a filosofia, do ponto de vista do materialismo, sem cair no determinismo, e justificar a liberdade, sem retornar, como os velhos hegelianos e muitos outros, ao irracionalismo religioso. Tais conceitos ainda permanecem válidos porque as condições que os engendraram, ainda não foram superadas - como deduziu Sartre¹² referindo-se ao pensamento de Marx. Assim, a religião continua a ser “o ópio do povo” e permanece necessária a tarefa da filosofia de fazer a crítica, tanto ao materialismo contemplativo, como à *mentalidade teologizante*, e, simultaneamente, constituir a *verdade unificadora* destas críticas.

11 *Idem*, p. 53.

12 J.-P. Sartre, “Questão de Método”. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 99, trad. Bento Prado Júnior.